

Tatuagem da bandeira Farroupilha: a mobilização da memória na produção de sentidos¹

Farroupilha's flag tattoo: mobilization of memory in the production of senses

Naiara Souza da Silva²

Stella Aparecida Leite Lima³

Resumo: Partindo do entendimento sobre as tatuagens enquanto textos portadores de discursividade, nosso objetivo é produzir uma leitura da tatuagem da bandeira Farroupilha materializada no corpo de determinado sujeito, no contexto da Semana Farroupilha, a partir de sentidos que ela nos possibilita. Ancoradas na Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxiana, podemos observar como o corpo do sujeito tatuado funciona como um lugar de memória, na medida em que é nele que se materializam discursos, e as implicações decorrentes da consolidação de um imaginário farroupilha, que, pela repetição de sentidos advindos de uma região de saber, alimenta o que é memorável para um grupo social, sejam os habitantes do estado do Rio Grande do Sul. Nesse caminho, compreendendo que os sentidos não estão unicamente no desenho/imagem que a tatuagem representa, mas se constituem em consonância ao imaginário, ao inconsciente, às condições de produção e à memória que o sujeito mobiliza quando se tatua, dispomos a questão norteadora do estudo: como a tatuagem da bandeira Farroupilha contribui para o resgate de sentidos advindos de outra época histórica? Assim, procurando compreender o funcionamento da discursividade presente na tatuagem em questão, buscamos amparo na noção de memória discursiva enquanto categoria de análise.

Palavras-chave: Tatuagem; Sentidos; Memória discursiva; Lugar de memória.

Abstract: Starting from the understanding of the tattoos as discursive texts, our objective is to produce a reading of the Farroupilha's flag tattoo materialized in the body of a given subject, in the context of Farroupilha's Week, from the meanings that it allows us. Our studies are anchored in the Discourse Analysis (AD) of Pêcheux's affiliation, and by it we can observe how the body of the tattooed subject functions as a place of memory, in so far as in it that speeches materialize. It is also our interest the implications arising from the consolidation of a Farroupilha's imaginary that, by the repetition of meanings derived from a region of knowledge, feeds what is memorable for a social group, whether the inhabitants of the state of Rio Grande do Sul. In this way, we understand that the senses are not only in the drawing/image that the tattoo represents but are in consonance with the imaginary, the unconscious, the conditions of production and the memory that the subject mobilizes. Mobilization that occurs at the moment he makes the tattoo. So we have the guiding question of the study: how does the Farroupilha's flag tattoo contribute to the retrieval of meanings from another historical moment? Thus, seeking to understand the function of the discursiveness present in the tattoo in question, we seek attached in the notion of discursive memory as a category of analysis.

Keywords: Tattoo; Senses; Discursive memory; Place of memory.

¹ Uma primeira reflexão em torno do tema deste trabalho foi publicada como resumo expandido no XVII Encontro de Pós-Graduação (ENPOS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em 2015.

² Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas e atual doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (RS). E-mail: naiaraa_souza@hotmail.com.

³ Especialista em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UFPEL) e atual mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). E-mail: staple_li@hotmail.com.

Primeiras palavras

Este trabalho resulta da união de interesses de pesquisa a fim de mobilizar princípios e procedimentos analíticos da teoria a qual nos filiamos, exercitando uma prática de leitura que propõe a reflexão sobre a linguagem, sobre o sujeito, sobre a história e sobre a ideologia. Nesse caso, relacionando a historicidade que perpassa os sentidos atribuídos ao estado do Rio Grande do Sul e a materialidade discursiva da tatuagem, nosso objetivo é analisar a tatuagem da bandeira Farroupilha, que discursivamente se materializa no corpo de determinado sujeito, e compreender os possíveis efeitos de sentido que dela emergem.

Acreditamos importante explicar, primeiramente, que este texto se fundamenta na teoria interpretativa de cunho linguístico e histórico, que se soma à teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a Análise de Discurso, de filiação pecheuxtiana. Nessa direção, a Análise de Discurso, também tratada como AD, cujo precursor teórico é o filósofo Michel Pêcheux, nos dá respaldo para trabalhar os sentidos de maneira que não leva em conta a objetividade, mas os processos discursivos que os constituem.

Assim, esta teoria se faz importante, a nosso entender, porque o discurso, enquanto efeito de sentidos entre interlocutores, materializa o ideológico, tal como propõe o autor. Materialização esta que se dá através da língua, de imagens, do corpo, entre outros suportes que são considerados formas materiais da existência da ideologia.

A ideologia, assim como o inconsciente, tem um papel fundamental na constituição do sujeito, e este, mesmo sem saber, é levado a crer que sua autonomia é plena, que ele tem consciência de seus atos, pensamentos, do que fala e, no nosso caso, do que tatua. Isso porque, desde que se depara com o simbólico, o ser humano é instado a interpretar o mundo, sendo sua interpretação ligada diretamente à sua filiação ideológica.

O sujeito, nessa perspectiva, não é nem dono nem fonte daquilo que diz; ao contrário, encontra-se submetido ao inconsciente e à ideologia, vivendo na ilusão de subjetividade. O sujeito só tem acesso à parte do que diz e ainda, não podemos pensá-lo como origem de si porque o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ou seja, o sujeito é dividido desde sua constituição. Para explicarmos essa ilusão, utilizamos o estudo de Haroche (1992), quando trata do assujeitamento do sujeito. No entendimento

da autora, “o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, exprime bem esta ‘fixação’ de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas, para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete” [grifo da autora] (idem, p. 178).

Sendo assim, não é concebível, na AD, a noção psicológica de sujeito empírico, coincidente consigo mesmo. A respeito, Orlandi escreve que:

[...] ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se)produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2012a, p. 49).

Na produção de sentidos, no caso do presente trabalho, a tatuagem, enquanto portadora de discursividade, ao representar o sujeito, significa, produzindo sentidos. Feito esse registro, esclarecemos que nessa perspectiva teórica não fazemos a interpretação *do* sentido da *tattoo*, tal como uma teoria positivista faria. Na AD, compreendemos que os sentidos não são vinculados a sua literalidade, eles são construídos historicamente e toda interpretação é um gesto, isto é, uma possibilidade de leitura dentre outras possíveis.

Nessa ótica, entendemos que a tatuagem deve ser compreendida como um texto, ou seja, uma materialidade discursiva na qual o sentido não é dado de antemão. Entendemos, conforme a leitura do trabalho de Silva (2014), que as tatuagens podem produzir diferentes sentidos materializados no corpo de sujeitos. Assim sendo, compreendemos que os sentidos não estão unicamente no desenho/imagem que a tatuagem representa, mas se constituem em consonância ao imaginário, ao inconsciente, às condições de produção e à memória que o sujeito mobiliza quando se tatua.

Nessa direção, dispomos a questão norteadora do presente estudo: como a tatuagem da bandeira Farroupilha contribui para o resgate de sentidos advindos de outra época histórica? Procurando compreender o funcionamento da discursividade presente nesta tatuagem, buscamos amparo na noção de memória discursiva, enquanto categoria de análise.

A mesma direção, buscamos, também, em alguns pressupostos teóricos da AD base para trabalhar os efeitos de sentido produzidos pela tatuagem em pauta, na medida em que a consideramos uma teoria interpretativa que “visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2012a, p. 26).

Pêcheux (1990/2010)⁴ defende a tese de que a AD não pretende instituir especialistas da interpretação que dominam “o” sentido do texto, ao contrário, constitui-se enquanto uma teoria interpretativa que nos auxilia a construir procedimentos que exponham o leitor/interlocutor a níveis opacos à ação estratégica (inconsciente) de sujeitos. Salientamos que “não se trata de uma leitura plural”, como expressa o autor.

Precisamos, na qualidade de analistas, trabalhar de maneira despojada e responsável, nunca isentas. Assim, na nossa prática de leitura empreendida aqui, não cabe a nós o papel de atribuir sentido(s) à tatuagem do sujeito, mas de explicitar como um objeto simbólico produz sentidos; o que implica saber, conforme escreve Orlandi (1996, p. 64), “que o sentido sempre pode ser outro, porém não pode ser qualquer um, pois não dá para ler o que o texto não nos permite”.

Daí nosso compromisso político, conforme aponta Mittmann (2007). Utilizando-nos da sua formulação a este respeito, podemos entender que

[...] o analista do discurso, diante da realidade social em que vive, ao pensar a metodologia de análise, não pode colocar-se como um copista reafirmador de posicionamentos da elite política e mercantil. Não pode confirmar consensos de objetividade e estatísticas reafirmadoras dos dizeres legitimados. Ao contrário, precisa desvendar aquilo que é imposto como evidência (MITTMANN, 2007, p. 154).

Nessa perspectiva teórica, não buscamos um sentido verdadeiro que estaria oculto na tatuagem da bandeira Farroupilha, nosso objeto de análise, como se tivéssemos uma chave que abriria a porta do segredo. Buscamos desconstruir os processos discursivos que levam às evidências, bem como o que esses mesmos processos deixam de fora (cf. MITTMANN, 2007).

⁴ A formatação desta bibliografia refere-se à disposição da publicação: 1990, 1. edição/ 2010, edição que estamos utilizando neste trabalho.

Para tanto, tratando-se da metodologia que utilizamos, faremos uso desse dispositivo que permite a leitura sintomal⁵, através da qual podemos compreender como o corpo do sujeito tatuado funciona como um lugar de memória, na medida em que é nele que se materializam discursos, e as implicações que decorrem da consolidação de um imaginário farroupilha que, pelo regime de repetição de sentidos advindos de uma região de saber, alimenta o que é memorável para um grupo social, sejam os habitantes do estado do RS.

A tatuagem da bandeira Farroupilha

Na continuidade do texto, apresentamos a tatuagem da bandeira Farroupilha, antes de partirmos à elucidação das noções indispensáveis à compreensão dos sentidos que, pelo nosso gesto de leitura, dela podem emergir.



Figura 1 – Fotografia da tatuagem da bandeira Farroupilha do sujeito tatuado⁶.
Foto tirada em: 04/06/2015.

Esta fotografia da tatuagem da bandeira foi publicada na rede social denominada *Facebook*, no dia 22 de setembro do ano de 2012, pelo tatuador em seu perfil pessoal,

⁵ Termo utilizado por Althusser em *Ler o Capital*. Trata-se de uma leitura que, segundo Mariani (2010), “distancia-se das práticas de leitura então vigentes: distancia-se da leitura literal, que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto, e distancia-se também de uma leitura hermenêutica, que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto” (p. 117).

⁶ Esta fotografia foi retirada do site de rede social “Facebook”, na data de 04 de junho de 2015. O link completo não será disponibilizado para não comprometer o usuário da conta. Além do mais, na AD não nos preocupamos com o sujeito empírico, mas com sua posição-sujeito.

marcando o local em que trabalha e o nome do sujeito tatuado, utilizando a legenda de sua postagem “Semana Farroupilha. Ótimo find!”. Ou seja, na semana em que se comemoram os ideais farroupilhas, o sujeito tatuou em seu corpo discursos relacionados ao seu sentimento pelo Estado, (re)produzindo sentidos. Estes sentidos podem ser relacionados a tantos outros discursos que circulam socialmente próprios ao tradicionalismo, como aqueles presentes na literatura, em músicas, programas de rádio e televisivos. Dentre todos, podemos citar a composição de Elton Saldanha, “Eu sou do sul, é só olhar para ver que eu sou do sul”⁷, que pode ser pensada como uma paráfrase da tatuagem em pauta, ou seja, um processo que representa o retorno a espaços de dizer, produzindo diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.

A imagem, pelas curtidas e comentários, repercutiu de forma positiva entre o círculo de amigos do tatuador e os amigos do sujeito tatuado, usuários permitidos à visualização do conteúdo pelo proprietário da conta que postou em modo “amigos”. Assim sendo, a circulação da foto tornou-se limitada e, provavelmente, foi lida/vista pela rede de amizade desses dois sujeitos. Tais informações sobre as condições de produção estritas⁸ do objeto analisado respondem às perguntas enunciativas que se fazem importantes na leitura. Todavia, nosso interesse está em compreender os sentidos (re)produzidos na/pela tatuagem e as possíveis leituras que podem ser feitas pela visualização da *tattoo* além da internet, no espaço social da cidade, por exemplo.

Para a AD, conforme escreve Leandro-Ferreira (2013, p. 105), o corpo é concebido como um dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui. Utilizando-nos das palavras da autora, “trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível”.

Somando a essa concepção, compreendemos que o sujeito se identifica com o seu corpo para significar e, na sua textualização, por meio da tatuagem, o sujeito registra na pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação. Sobre isso, Abreu (2013, p. 143) salienta que “a pele se transforma em texto em uma junção de linguagens – palavras, imagens, cores, que ganham estatuto na história”.

⁷ Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/elton-saldanha/159131/>>. Acesso em: 28/06/17.

⁸ Metodologicamente, as condições de produção (CP) foram divididas por Orlandi (2012a) entre estrito e lato. Em sentido estrito refere-se ao contexto imediato e, em sentido amplo, refere-se ao contexto sócio-histórico.

Para Castro (2005), o sujeito toma para si a responsabilidade de desenhar seu próprio corpo, como forma de definir sua identidade e o projeto do *self*. A autora relata que na sociedade contemporânea, o corpo tem se configurado cada vez mais como um dos principais espaços simbólicos na construção de identidades e estilos de vida. Nesse contexto, podemos observar que existem saberes na nossa sociedade que insistem e impulsionam os sujeitos a expor o seu corpo, como objeto de contemplação e sedução. Assim, podemos pensar que “o corpo é desejo”, conforme acentua Abreu (2013). Segundo a autora, “é na corporeidade desejante que o sujeito se inscreve no mundo, na ânsia por dele fazer parte, nele ser reconhecido” (p. 143), retomando Saldanha “é só olhar para ver que eu sou do sul”.

Levando em consideração tais entendimentos, no texto que trazemos como objeto devido nossa inquietação, um dos pontos que levantamos à análise diz respeito ao estranhamento que tivemos ao observar a diferença entre a bandeira tatuada pelo sujeito, no período da Semana Farroupilha, e a bandeira atual do Estado do Rio Grande do Sul, e isto só pode ser percebido se mobilizada a memória.

A noção de memória por nós utilizada respalda-se nos trabalhos de Indursky (2011; 2015). De acordo com seus estudos, a noção de memória sempre esteve presente na AD quando tratamos de repetição, pré-construído, discurso transversal e interdiscurso, mesmo que a nomeação não tivesse sido utilizada por Pêcheux. Todos são diferentes funcionamentos discursivos em que a memória pode se materializar.

Nessa acepção, o que nos toca, neste momento, é explicitar a diferença entre memória e história. E após, aprofundar o que entendemos sobre memória discursiva, já que estamos, em concordância com a autora, concebendo-a como diferente da noção de interdiscurso, ou seja, as duas noções, para nós, são distintas.

Para Orlandi, o discurso

[...] a supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique. Daí os efeitos entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos – implicado o conceito de historicidade porque o que interessa para a AD é esse conceito, pois as palavras vêm inscritas na história com efeitos (ORLANDI, 1994, p. 52).

A autora, em outro texto, afirma que “a relação com a história é dupla: o discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no futuro, mas também é histórico porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos” (ORLANDI, 1990, p. 35). Nesse viés, nosso trabalho é compreender o funcionamento do discurso em suas determinações históricas, pela ideologia.

Dessa maneira de pensar história e memória, trazemos Nora (1993), quando diferencia ambas as noções. Para este autor, também, memória e história não são sinônimos; a memória é a vida e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, já a história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. Em suas palavras, “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9).

Assim, se bem entendemos os autores, importa-nos observar não a linearidade da história, mas o modo como ela se inscreve nos processos discursivos. Dito isso, interessa-nos trabalhar com a noção de historicidade e não com a noção de história do ponto de vista cronológico, porque é a historicidade que reafirma a relação constitutiva entre linguagem e exterioridade.

Realizada a primeira diferenciação, a noção de memória discursiva se distingue de toda memorização psicológica. Nessa perspectiva teórica, entendemos que a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas, que, por sua vez, materializam a ideologia de sujeitos, inscritos em distintas formações discursivas.

Nesta linha que estamos concebendo a memória discursiva, esta diferencia-se do interdiscurso. Para Orlandi (2012a), o interdiscurso é “todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (p. 33). Todavia, seguindo os moldes de Indursky (2011), Cazarin escreve que o domínio de memória não está em equivalência com o interdiscurso, pois

[...] os laços de filiação etc. resultam de uma tomada de posição do sujeito enunciativo, já que uma posição-sujeito não aciona o todo do interdiscurso, e sim aquilo que ela consegue recuperar em termos de memória discursiva. E, embora isso não ocorra no nível do consciente, mesmo assim, estaríamos também operando com uma memória lacunar – “memória discursiva” (CAZARIN, 2010, p. 3-4).

O interdiscurso, com tal característica, fornece elementos para que se reconstitua a memória discursiva e, assim, o sujeito (re)produza sentidos. Então, enquanto categoria de análise, da maneira como estamos levando em conta, de acordo com o trabalho de Courtine (1981) e das autoras citadas acima, podemos observar os possíveis sentidos atribuídos pelo sujeito tatuado que ecoam de sua tatuagem a partir de sua posição.

Nesse caminho, retomando nosso objeto de análise, a nosso ver, surge um elemento da ordem do inesperado, conforme trabalha Ernst-Pereira (2009), pois a tatuagem da bandeira Farroupilha foi materializada no corpo de determinado sujeito no contexto sócio-histórico da contemporaneidade. Sendo assim, o esperado seria encontrarmos outro desenho, na medida em que as condições de produção em que o sujeito tatuado está inscrito referem-se à contemporaneidade. Dito de outra forma, mesmo reconhecendo que as cores utilizadas pelo referido sujeito remetam às cores que representam o Estado, a imagem não condiz com a da época em que esta *tattoo* foi materializada.

Isto nos leva a pensar que a tatuagem, enquanto formulação/texto, faz circular formulações anteriores, discursos outros, e com isso, produz efeitos de memória específicos. Examinando a imagem que seria alusiva a *tattoo* do sujeito, temos:



Figuras 2 e 3 – imagens sobre a primeira versão da bandeira
Fonte: Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 23/07/2015.

Como podemos notar, o desenho que o sujeito materializou em seu corpo é uma réplica da primeira bandeira da República Rio-Grandense, não é a bandeira oficial do Estado do século XXI, como pode ser visualizado a seguir:



Figura 4 – Bandeira oficial do Estado do RS

Fonte: Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/lista/676/brasao-e-bandeira>>. Acesso em 28/06/2017.

Feito esse registro, chamamos a atenção para a possibilidade de efeitos de sentido produzidos pela *tattoo* materializada no corpo deste sujeito. Considerando que sentidos podem ser sempre outros, o que não significa que eles possam ser qualquer um, nem que todas as interpretações sejam equivalentes, nos questionamos como a memória discursiva atua na produção de sentidos na leitura da tatuagem? Pensamos nessa questão porque nos interessa saber como o trabalho da memória permite a lembrança, a repetição, a refutação e até o esquecimento de saberes quando formulados pelo sujeito tatuado em seu discurso.

No caso em análise, o sujeito, quando tatua a bandeira Farroupilha, retoma, repete – regime de repetibilidade proposto por Indursky (2011), regularizando sentidos que fazem parte de uma memória coletiva, social, que é reforçada, no caso da bandeira, por uma instituição, seja o Museu Histórico Farroupilha, situado na cidade de Piratini/RS.

Por esta memória ser reforçada por um Aparelho Ideológico de Estado específico, uma instituição que funciona “de um modo massivamente prevalente pela ideologia” (ALTHUSSER, 1970, p. 47), recorremos a Orlandi (2012), quando considera a memória institucional que estabiliza e cristaliza sentidos. Vejamos:



Figura 5 – Réplica da bandeira Farroupilha no Museu Histórico de Piratini

Fonte: Disponível em:

Acesso em: 29/06/17.

<https://www.google.com.br/search?q=r%C3%A9plica+bandeira+farroupilha&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjzmrPe2eXUAhWME5AKHfljCeUQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#tbm=isch&q=r%C3%A9plica+bandeira+farroupilha+museu+piratini>.

O sentido reforçado pela instituição à bandeira que posteriormente foi utilizada pelo sujeito tatuado trabalha uma memória local e (re)produz sentidos pelo regime de repetibilidade: de que ela representaria os revolucionários separatistas durante a Guerra dos Farrapos e, por consequência, os seus ideais. Trata-se de uma bandeira dividida em 3 cores que, imaginariamente, simbolizam o verde e o amarelo da bandeira imperialista da época, com o vermelho ao centro, que representa a cor do sangue daqueles que lutavam em busca da liberdade da província. No acervo histórico citado acima, como contam os historiadores, tal bandeira foi utilizada em inúmeras batalhas pelos gaúchos, tanto em combates durante a revolução quanto após o seu término, como na guerra do Paraguai.

Petri (2004; 2009) trabalha sobre o imaginário construído e instituído sobre o gaúcho. Em um de seus textos, a autora rememora que há sentidos advindos de uma região de saber militarista que atravessam a representação histórica da região de saber gaúcha em que se atribui o estatuto de soldado, por sua força física de gaúcho guerreiro. De acordo com ela, “esse funcionamento se efetiva muito bem no cruzamento de discursos, porque consegue apagar (pela forma do esquecimento) os caracteres pejorativos do gaúcho e consegue instituir (pela forma da memória) o comportamento de cavaleiro guerreiro, próprio do simulacro” (PETRI, 2009, p. 7).

Esta representação, segundo seu estudo anterior, é da ordem do imaginário social, pois “existem formações imaginárias que regem as relações do gaúcho consigo mesmo, com o mundo e com o outro” (PETRI, 2004, p. 125). Nesse sentido, as acepções

da designação “gaúcho” variam ao longo dos tempos, conforme recuperação/reinvenção imaginária, produzindo efeitos de sentido constitutivos de sua identidade.

De acordo com o percurso histórico realizado pela autora, foi a partir das situações de guerras e revoluções, mais precisamente, a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai, ainda no século XIX, que ocorreu uma (re)significação da designação “gaúcho”. A Revolução Farroupilha pode ser considerada, então, um exemplo da representação do gaúcho como livre e insubordinado, características antes daqueles considerados marginais, advindos do território do pampa uruguaio e argentino.

Foi esse contexto revolucionário, tal como aponta Petri (2004), que contribuiu com o processo de (re)significação da designação “gaúcho”, atribuindo-lhe novos efeitos de sentido e apagando aqueles sentidos pejorativos, num movimento entre o lembrar e o esquecer próprio da memória discursiva. Nesse sentido, este período sócio-histórico é marcado pela (re)construção do imaginário social de um povo que é resultado das disputas territoriais e das miscigenações. O rompimento com o velho, assim, produziu um efeito de evidência ao novo sentido, um sentido relacionado ao heroísmo, nos levando a acreditar (ilusoriamente) que a designação “gaúcho” está liberta de sua conotação taxativa.

Assim, este novo efeito de sentido para a designação “gaúcho” é reforçado pelo discurso literário e pelos aparelhos estatais que idealizam o gaúcho como figura heroica. Não se trata mais de um sujeito à margem, mas de um sujeito representativo com o qual uma determinada parcela do grupo social se identifica.

Nessa acepção, temos, na memória coletiva, representações imaginárias do gaúcho, não como bandido ou malfeitor, mas como um exímio soldado, e é a partir do trabalho da memória e do discurso que é produzido em torno desse imaginário do gaúcho, que somos conduzidos a lembrar e/ou a esquecer, a produzir sentidos.

Acionando e retomando a categoria de análise da memória discursiva, podemos recuperar, dessa forma, por um gesto de resgate da memória (cf. INDURSKY, 2015), efeitos de sentido separatistas e ufanistas que podem emergir do interdiscurso e que, a nosso ver, se materializam na tatuagem do sujeito em questão, aqui considerada como portadora de discursividade.

Pelo nosso gesto de leitura empreendido, considerando que “onde há desejo, há inconsciente, onde há inconsciente, há sujeito e onde há sujeito, há um corpo que fala e

que, ao falar, falha, pois tudo não se diz e todo não se é”, temos o corpo de determinado sujeito que comparece como dispositivo de visualização à sociedade leitora; corpo este que está imerso na sociedade construído por/em processos que interferem a ideologia sul separatista.

Em outras palavras, trata-se de um corpo que serve como meio para que o sujeito se inscreva socialmente, e que traz nele a tatuagem da bandeira Farrroupilha rasgada. Entendemos que tal característica também significa acentuando os sentidos separatistas e ufanistas, produzindo efeitos mais do que estéticos. Em nosso ponto de vista, podemos parafrasear esses efeitos de sentido produzidos pela característica rasgada com sentidos da canção “não tá morto quem peleia” de Iedo e Fernandes⁹, que resgatam sentidos do imaginário do gaúcho heroico postulado nos trabalhos Petri (2004) e (2009), e no Museu, ou seja, não basta exibir uma bandeira no corpo, é preciso que seja esta bandeira, esfarrapada, evidenciando as batalhas que foram vencidas.

Se na visão de Berger (2009), a tatuagem pode ser explicada por razões rituais e/ou estéticas, indicando ritos propiciatórios, marcas tribais, signos de *status* social, ritos de passagem etc., nós acreditamos que o gesto de marcar o próprio corpo vai além, cujos processos têm interferência da ideologia e do inconsciente.

Dessa maneira de pensar a tatuagem, sob a ótica de Silva (2014), consideramos que esse processo pode ser uma tentativa de subjetivação entre tantos modos do sujeito subjetivar-se na sociedade em que se vive. Dito de outra forma, conforme os trabalhos de Leitão (2000), a tatuagem seria um projeto do sujeito para ocupar um lugar histórico e cultural.

Nesse ponto, estabelecendo uma interlocução o trabalho de Leandro-Ferreira (2013), a *tattoo* configuraria, assim, uma forma de demarcação estilística através da qual algumas pessoas constroem e dão a (re)conhecer não só a sua identidade pessoal, mas também o modo como percebem e se relacionam com o mundo. Somado a isso, ela pode ser entendida como um gesto de escritura de si em que estabelece um campo de significação, que compreende o próprio corpo do sujeito como um espaço de sentidos.

Levando em conta tal pressuposto, o corpo pode desempenhar um lugar de memória, seguindo a orientação de Indursky (2011), porque consolida este imaginário

⁹ Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/os-farrapos/nao-ta-morto-quem-peleia/>>. Acesso em: 29/06/17.

do gaúcho “forte, aguerrido e bravo”¹⁰, e torna possível a repetição de discursos que alimentam o que é memorável para um grupo social.

A partir de sentidos positivos reforçados e cristalizados, o sujeito, uma vez identificado com os mesmos, textualiza em seu corpo a imagem da bandeira dos Farrapos, ressaltando seu amor pelo Estado, sua aproximação aos pressupostos separatistas, e dá visibilidade ao seu orgulho por/de ser gaúcho. Nesse caminho, podemos pensar que se silenciam, portanto, sentidos negativos – aqueles relacionados ao gaúcho rebelde, recalçando-os num espaço que Indursky (2015) denomina de dobradura de memória. Para a autora, quando se jogam memórias na dobradura, constrói-se o que chama de desmemória, uma prática de apagamento, de esquecimento de fatos.

Por esse gesto de resgate da memória, Indursky nos lembra que:

[...] se por um lado, a repetição é responsável pela cristalização de sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração. Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz de sentido (INDURSKY, 2011, p. 77).

A esse respeito, refletindo sobre a diferença entre o memorável, influenciado pela memória institucional, e a memória discursiva mobilizada pelo sujeito, relacionada a sua posição-sujeito, reconhecemos que podem emergir sentidos outros. Essas diferentes possibilidades de leituras existem em função das posições-sujeito em jogo no processo discursivo em que a memória discursiva atua na produção de sentidos da tatuagem em pauta.

Como um efeito de fechamento

Como vimos ao longo do texto, a produção de sentidos à tatuagem da bandeira Farroupilha, tanto pode se dar em função da repetibilidade, do silenciamento, quanto pela instauração de sentidos outros. Tratando-se do processo de repetibilidade, a matriz de sentido estabelece o que pode e deve ser dito no interior de uma região de saber, isto

¹⁰ Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/hinos-de-estados/126618/>>. Acesso em 29/06/17.

é, há sentidos que aí não podem ser produzidos – lembremos sentidos atribuídos ao gaúcho como bandido ou malfeitor.

Pelo jogo de repetição discursiva, podemos observar como elementos do interdiscurso são inscritos no discurso do sujeito; assim, podemos perceber os entrelaçamentos entre repetição, memória e sentidos. Dito diferentemente, pelo funcionamento discursivo da repetição, o sujeito traz no intradiscurso, ou seja, no fio de seu discurso, precisamente na textualização da tatuagem, um pré-construído, um elemento de discurso que foi produzido anteriormente, em outro discurso.

De acordo com Indursky,

[...] a noção de repetibilidade permite observar que os saberes pré-existem ao discurso do sujeito: quando este toma a palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que ele é fonte de seu dizer e, assim, procedendo, ele funciona sob efeito do esquecimento de que os discursos pré-existem (Pêcheux e Fuchs 1975 [1990, p. 172-176]), que foram formulados em outro lugar e por outro sujeito, e que ele os retoma, sem disso ter consciência (INDURSKY, 2011, p. 70).

Assim, o sujeito tatuado ao textualizar seu corpo com a tatuagem da bandeira, o realiza sob o regime de repetibilidade, afetado pelo esquecimento. Ela ainda lembra que, “se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão construir uma memória social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido” (INDURSKY, 2011, p. 71).

Nora (1993, p. 15) salienta que produzir arquivo seria o imperativo da época. Assim, “nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi”, ou seja, os sujeitos buscam suportes para materializar memórias, para que estas não desapareçam. Trazendo sua formulação: “arquive-se, arquive-se, sempre sobrar alguma coisa!” (p. 16).

No caso em pauta, para finalizarmos, como um efeito de fechamento, o corpo torna-se lugar de memória, e isto talvez ocorra, na visão de Nora (1993), porque não há mais memória espontânea. Sendo assim, é preciso criar arquivos, manter aniversários e organizar celebrações, e nós acrescentamos, é preciso também, fazer uma tatuagem. Na falta de memória, os lugares de memória serão lugares de história.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana. Corpo e linguagem – uma relação constitutiva. In: *Políticas de autoria*. São Carlos: EduFSCar, 2013.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- BERGER, Mirela. Tatuagem: a Memória na Pele. *Sinais*. Vitória: CCHN, UFES, 5. ed., v. 1, set., 2009.
- CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. In: *Corpo território da cultura*. Organizadoras: Maria Lúcia Bueno e Ana Lúcia de Castro. São Paulo: Annablume, 2005.
- CAZARIN, Ercília. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. *Organon*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre. v. 24, n. 48, 2010.
- COURTINE, Jean- Jacques. *Análise do discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 1981/2009.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. *IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso: 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso – IV SEAD*, 10 a 13 de nov., 2009. Porto Alegre. Anais do evento, 2009.
- HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. São Paulo: Hucitec, 1992.
- INDURSKY, Freda. A memória na ceda do discurso. In: *Memória e história na/da Análise de Discurso*. Organizadoras: Freda Indursky, Solange Mittmann e Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- _____. Políticas do esquecimento x Políticas de resgate da memória. In: *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Organizadoras: Giovanna Benedetto, Nádia Neckel e Solange Gallo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O Corpo enquanto objeto discursivo. In: *Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Organizadoras: Verli Petri e Cristiane Dias. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- LEITÃO, Débora. *À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos*. 2000. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2000.
- MARIANI, Bethania. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma Retomada em Althusser e Lacan. *Alfa*, São Paulo, v. 54, n. 1, 2010.
- MITTMANN, Solange. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. Organizadoras: Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky. São Carlos: Claraluz, 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Tradução: Iara Aun Houry. São Paulo, n. 10. Dez., 1993.

- ORLANDI, Eni. Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo. Cortez, 1990.
- _____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, n. 61, jan./mar. 1994, p. 52.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.
- PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. 4. ed. Tradução: Bethania Mariani et al. Organizadores: Françoise Gadet e Tony Hak. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990/2010.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988/ 2009.
- PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em ‘Contos Gauchescos’, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em ‘Porteira Fechada’, De Cyro Martins*. 2004. 332 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, mai., 2004.
- _____. A produção de sentidos sobre o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura. *Conexão Letras*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, n. 4, 2009.
- SILVA, Naiara. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. 2014. 153f. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas, dez., 2014.

Recebido em: 30/06/2017

Aceito em: 06/10/2017